Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

O mercado financeiro aguarda com enorme expectativa o depoimento de Miguel Gutierrez, ex-presidente da Americanas, na CVM, na quinta-feira

Joédson Alves/Agência Brasil



Para Haddad, não há chance de risco sistêmico no setor bancário

A crise bancária nos Estados Unidos, que resultou na falência de duas instituições nos últimos dias, provocará estragos mundo afora, inclusive no Brasil? Para o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, as chances são pequenas. "Não sei se vai gerar uma crise sistêmica, aparentemente não", disse, em evento realizado em São Paulo. "Eu não vi ninguém tratar desse episódio como o Lehman Brothers (banco americano que pediu concordata em 2008). Mas o fato é que é grave o que aconteceu."

Privatização da Sabesp ficará para 2024

Se as discussões sobre a privatização de empresas estatais provocam arrepios no presidente Lula, em São Paulo o governador Tarcísio de Freitas promete acelerar os planos para vender a Sabesp, a empresa de águas e saneamento do Estado. Em almoço com empresários na capital paulista, Tarcísio afirmou que a companhia deverá ser privatizada em 2024. "Quem não vai querer a Sabesp? É uma empresa maravilhosa", disse. Os críticos da iniciativa temem que a privatização aumente a tarifa da água.

Crise nos bancos: 2023 não tem nada a ver com 2008

O ano de 2008 ainda está fresco na memória: na ocasião, a quebra do banco americano Lehman Brothers foi o estopim da maior crise econômica mundial desde a recessão de 1929. Por isso, o recente colapso de dois bancos americanos com uma diferença de poucos dias despertou o temor de que história possa se repetir. Desta vez, o cenário é bem diferente — a começar pelos bancos atingidos, que não têm o tamanho e a relevância do Lehman Brothers. Em 2008, lembre-se, ele ocupava o posto de quarto maior banco de investimentos dos Estados Unidos, e sua debacle arrastou a indústria financeira mundo afora. Não é apenas isso. Até onde se sabe, também não há atualmente nada parecido com a bolha imobiliária que provocou uma reação em cadeia em diversos setores da economia.

Por fim, os reguladores agiram agora com mais rapidez do que na crise anterior, ao criar uma linha de crédito emergencial para os bancos. O passado, afinal, deixou valiosas lições.

Investigações do caso Americanas avançam

O mercado financeiro aguarda com enorme expectativa o depoimento de Miguel Gutierrez, ex-presidente da Americanas, na Comissão de Valores Mobiliários (CVM), na próxima quinta-feira. Gutierrez comandou a empresa durante 20 anos até deixar o cargo para ser substituído por Sérgio Rial, que permaneceu no posto por apenas 10 dias. Rial foi o responsável pela denúncia do rombo contábil de R$ 20 bilhões — ou mais, a depender da conta. Gutierrez não se pronunciou desde a revelação do escândalo.

Reprodução



Os americanos podem ter certeza de que o sistema bancário é seguro. Seus depósitos estarão lá quando precisarem"

Joe Biden, presidente dos Estados Unidos, *após o colapso de dois bancos americanos*

RAPIDINHAS

» O Brasil foi o sétimo país que mais levou turistas aos Estados Unidos em 2022. Segundo levantamento realizado pelo escritório de advocacia imigratória AG Immigration, 1,2 milhão de brasileiros visitaram o território americano no ano passado, atrás apenas de canadenses, mexicanos, britânicos, alemães, franceses e indianos.

» A Pfizer vai pagar US$ 43 bilhões — e não US$ 30 bilhões, como previsto anteriormente — pela Seagen, empresa de biotecnologia que desenvolve tratamentos de imunoterapia contra o câncer. O setor de saúde e medicina parece imune à crise. No mesmo embalo, a francesa Sanofi pagou US$ 2,9 bilhões pela biofarmacêutica americana Provention Bio.

» Um estudo realizado pela empresa de cibersegurança Proofpoint mostrou que as empresas nunca estiveram tão vulneráveis à ação de hackers: oito em cada 10 companhias brasileiras sofreram ao menos um ataque bem-sucedido de "phishing" (tentativa de acessar dados) por e-mail em 2022. Pior ainda: 23% delas tiveram alguma perda financeira.

» A indústria brasileira de motocicletas não tem do que reclamar. Em fevereiro, o polo industrial de Manaus produziu 121,4 mil unidades — é o maior volume para o mês desde 2014, conforme dados da Abraciclo, associação que reúne as montadoras do ramo. Na comparação anual, o número cresceu 13,4%.

5,96%

é a nova projeção da inflação para 2023, segundo o Boletim Focus. Na semana passada, a estimativa era de 5,90%

FINANÇAS

Tensão com quebra de bancos

Mercados mostram nervosismo com intervenção em duas instituições nos Estados Unidos, mas ação do Fed acalma investidores

» ROSANA HESSEL

A quebra de dois bancos norte-americanos em apenas três dias deixou o mercado financeiro internacional tenso com a possibilidade de uma nova crise bancária global, semelhante à de 2008. Mas a rapidez com que as autoridades agiram para tentar evitar o contágio de outras instituições acalmou os investidores, pelo menos em parte.

O maior nervosismo, ontem, ocorreu nos mercados europeus, onde a Bolsa de Frankfurt teve perda de 3,04% e a de Londres caiu 2,58%. No Brasil, a Bolsa de Valores de São Paulo (B3) abriu o dia no vermelho, acompanhando as bolsas estrangeiras. Chegou a atingir o menor piso do ano, de 102.255 pontos, mas encerrou o pregão com recuo de 0,48%, a 103.121 pontos. Em Nova York, o Índice Dow Jones recuou menos, 0,28%, e a Nasdaq, bolsa das empresas de tecnologia, subiu 0,45%.

Na última sexta-feira, o Federal Reserve (Fed), o banco central dos Estados Unidos, interveio no Silicon Valley Bank (SVB) e, no domingo, foi a vez do Signature Bank. O Fed anunciou um programa emergencial para minimizar os riscos de um colapso no sistema bancário. O órgão assumiu os ativos dos dois bancos e se comprometeu a garantir os saques dos correntistas, e não apenas os US$ 250 mil garantidos. A medida evitou um tombo maior nas bolsas e fez os juros futuros fecharem em queda, ontem, tanto no Brasil quanto nos EUA.

"As bolsas acabaram caindo pouco porque muitos precificaram que o Fed, em consequência da quebra dos bancos, vai reduzir o ritmo de alta dos juros. Com isso, as curvas de juros caíram. Mas os casos parecem isolados. O SBV era bem específico, muito concentrado no setor de startups, tanto em empréstimos, quanto em depósitos. Esse setor foi muito bem em 2020-2021 e o banco achou ok elevar essa concentração, mas, desde o ano passado, houve uma virada", comentou Gustavo Cruz, estrategista da RB Investimentos.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse que o governo está "monitorando" a crise dos bancos norte-americanos e descartou a chance de uma crise semelhante à de 2008, desencadeada pela quebra do Lehman Brothers, que era, então, a quarta maior instituição financeira dos EUA. Segundo Haddad, o sistema financeiro brasileiro é "mais robusto" do que os estrangeiros.

Analistas também descartaram o risco de uma crise sistêmica como a de 2008. Na época, o Fed, se recusou a prestar socorro ao Lehman, atitude bem diferente da adotada agora, quando o banco central norte-americano se apressou a evitar o contágio dos mercados.

Riscos

De acordo com a Oxford Economics, a quebra dos dois bancos não deve ter implicações significativas para a economia, mas é um "sinal de riscos sistêmicos no setor bancário". Na avaliação da consultoria, a economia dos EUA passará por uma leve recessão no semestre. "Em grande parte, a razão para essa perspectiva tem sido nossa visão de que o Fed continuará a apertar a política monetária até quebrar alguma coisa", afirma o relatório assinado pelo analista John Canavan.

AFP



Sede do Silicon Valley Bank, em Santa Clara, Califórnia: BC americano garantiu depósitos dos clientes

O economista e ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega não vê a quebra dos dois bancos regionais dos EUA como a origem de uma nova grande crise global, e, consequentemente, não considera um bom argumento para o governo defender a queda da Selic. "O governo brasileiro está tão fissurado em querer derrubar os juros que qualquer motivo serve para as autoridades dizerem que a taxa de juros tem que baixar", afirmou.

Já para o economista e professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Luiz Gonzaga Belluzzo, "se a Selic continuar no patamar atual, vai ferrar com a economia".

Tanto Mailson, um ortodoxo, quanto Belluzzo, que segue a linha desenvolvimentista, o episódio dos bancos dos EUA coloca por terra o argumento de correntes liberais que defendem o Estado mínimo, porque o sistema financeiro depende do socorro do Estado quando as instituições quebram.

"A característica do Estado moderno não é a ausência do Estado. Pelo contrário, o Estado é fundamental para desenhar instituições, fazer políticas contracíclicas e agir nas crises quando necessário, além de estimular o investimento privado", frisou o ex-ministro.

"O Estado protegeu os depósitos e preservou os ativos dos bancos. O Fed vai comprar os ativos do SBV pelo valor de face para não deixar desvalorizar e evitar uma corrida bancária. O Fed agiu bem e rápido, porque não caiu no conto de que era uma crise regional", avaliou Belluzzo.

Filial vendida por 1 libra

O braço britânico do banco HSBC anunciou ontem que comprou a filial do Silicon Valley Bank (SVB) no Reino Unido pelo valor simbólico de uma libra. Com a cotação atual da libra, o valor convertido se aproxima de R$ 6,39. Segundo o Tesouro britânico, a operação foi "facilitada" pelo governo e pelo Banco de Inglaterra.

Em comunicado, o HSBC informou que o SVB local possui empréstimos em torno de 5,5 bilhões de libras e depósitos no valor de 6,7 bilhões de libras. Além disso, a instituição afirmou que a filial britânica do banco em falência tem um capital de 88 milhões de libras, e que há uma expectativa de que seu patrimônio tangível seja de 1,4 bilhão de libras.

Ainda segundo o HSBC, "os ativos e dívidas das empresas controladoras do SVB do Reino Unido estão excluídos da transação".

Noel Quinn, CEO do grupo HSBC, afirmou que o negócio aumenta a capacidade do banco de atender novas empresas com rápido crescimento.

De acordo com o Tesouro britânico, com a transação, os clientes do SVB UK podem acessar depósitos e serviços normalmente. O ministro das Finanças, Jeremy Hunt, comemorou ter chegado a uma solução em tão pouco tempo e disse que a operação estava sendo realizada "sem dinheiro do contribuinte".